

Em busca do visto prometido*: uma análise da política migratória brasileira e as aspirações da população haitiana migrante em Porto Velho – RO**

Looking promised visa: the framework of immigration policy in Brazil and the aspirations of the Haitian migrant population in Porto Velho – RO

Pedro Ivo de Moraes Alcântara¹
Renata de Melo Rosa²

Resumo

Este artigo tem como objetivo fazer uma análise do material de pesquisa e das informações coletadas durante a pesquisa de campo na capital do estado de Rondônia, Porto Velho, realizada em dois momentos: em outubro de 2012 e em março de 2014. Nestes períodos, foram feitos trabalhos de observação e entrevistas com o intuito de entender: 1) as motivações que vem trazendo haitianos a se assentarem no Estado de Rondônia e 2) como o Estado de Rondônia tem respondido à demanda migratória haitiana. Soma-se a esta pesquisa antropológica o esforço de se trazer dados e outras informações relevantes que, juntamente com a análise das subjetividades destes imigrantes, busca entender o perfil desses migrantes haitianos, suas escolhas migratórias para o Estado de Rondônia e o discurso oficial das autoridades rondonienses face a este novo fluxo migratório no Estado.

Palavras-chave: Migração haitiana. Porto Velho – RO. Política migratória brasileira.

Abstract

This paper aims to analyze the research material and information collected during fieldwork in the capital of the state of Rondônia, Porto Velho, performed in two stages: In October 2012 and March 2014, these moments were made work of observation and interviews in order to understand: 1) the motivations that has brought Haitians to settle in the state of Rondônia and 2) how the State of Rondônia has responded to the Haitian migratory demand. Sum up this anthropological research effort to bring data and other relevant information, thought analysis of the subjectivities of these immigrants, seeks to understand the profile of Haitian migrants, their migration choices for the state of Rondônia and the official discourses of Rondônia authorities face this new flow of migrants in the state.

Keywords: Haitian migration. Porto Velho – RO. Brazilian immigration policy.

* Esta pesquisa teve apoio financeiro do CNPq, por meio do Edital Universal e da concessão de auxílio financeiro referente ao processo 473687/2011-9. Agradecemos o apoio do CNPq, sem o qual esta pesquisa não poderia ter sido realizada. Este artigo está fundamentado nas argumentações dispostas na dissertação de Mestrado de Pedro Ivo de Moraes Alcântara, elaborada no CEPPAC/UnB

** Recebido em 29/08/2014.

Aprovado em 15/10/2014

¹ Mestre em Ciências Sociais – CEPPAC/UnB. E-mail: pialcantara@gmail.com

² Doutora em Antropologia da América Latina e Caribe. Coordenadora do curso de Relações Internacionais do UniCEUB. E-mail: renata.rosa@uniceub.br.

1 Introdução: a pesquisa de campo

Porto Velho, cidade de cerca de 442 mil habitantes, foi escolhida como a localidade da pesquisa de campo devido ao alto fluxo migrantes internos, internacionais e, sobretudo, ao grande número de haitianos que começaram a chegar à cidade em março de 2011. Desde então, mais de 1.700 se estabeleceram na cidade, segundo dados da Secretaria Estadual de Assistência Social de Rondônia³.

O município, capital e o mais populoso do estado de Rondônia, se situa à margem direita do Rio Madeira, um dos mais importantes afluentes do Rio Amazonas. Porto Velho surgiu em 1907, durante a construção da ferrovia Madeira-Mamoré, durante o ciclo da borracha, e veio a se tornar município em 1914.

Em boa medida, pode-se afirmar que um importante fator de atração que torna Porto Velho uma opção migratória é a presença nos arredores da cidade dos canteiros de obras de duas grandes construções do Governo Federal, por meio do “Pacote de Aceleração do Crescimento” (PAC): a Usina Hidrelétrica de Jirau, a 120 quilômetros da cidade, e a Usina Hidroelétrica de Santo Antônio, localizada no próprio município do Porto Velho, ambas sendo construídas dentro do Rio Madeira. Empreitadas dessa amplitude são fatores que favoreceram a movimentação de pessoas tanto nacional, quanto internacionalmente, como explica o antropólogo Gustavo Lins Ribeiro:

Todo projeto tem suas próprias necessidades de mão-de-obra. São definidas numa variedade de maneiras relacionadas às múltiplas atividades que têm de ser empreendidas na construção de uma estrutura complexa como uma gigantesca usina hidrelétrica. As necessidades diferenciadas de mão-de-obra de um projeto não podem ser inteiramente satisfeitas nem pela população local, nem pela regional. Tem-se de trazer pessoas para o território da construção de diferentes pontos dentro do território nacional ou do exterior, para ocuparem diferentes posições na estrutura do mercado de trabalho. (RIBEIRO, 1991, p. 139).

O impacto dessas grandes construções tem sido bastante substancial na economia da região. Para se ter uma idéia, o Produto Interno Bruto (PIB) de Porto Velho cresceu 30,2% no ano de 2009, tornando a capital de Rondônia a capital brasileira que mais cresceu no período analisado⁴.

A primeira ida à cidade, em 2012, contou com o apoio inicial do Instituto Migrações Direitos Humanos (IMDH), ligado à ordem das Scalabrinianas da Igreja Católica e localizado na cidade-satélite do Varjão, no Distrito Federal. Por indicação do IMDH, foi contatada a coordenadora da Pastoral do Migrante, Irmã Maria Ozânia da Silva, em Porto Velho, que vem trabalhando diretamente com os haitianos que estão chegando à cidade. Por intermédio da Pastoral, foram contatados dois pesquisadores da Universidade Federal de Rondônia (Unir) – Marília Pimentel e Geraldo Cotinguiba - que apóiam a organização das atividades de auxílio aos migrantes haitianos, o que inclui a coordenação de um curso de português oferecido gratuitamente para os mesmos. Além disso, Marília e Geraldo desenvolvem pesquisas acadêmicas sobre a questão dos haitianos em na Região Amazônica.

Dessa forma, é fundamental esclarecer que existem diversos grupos de haitianos em Porto Velho: há os que recebem o apoio da Pastoral do Migrante e desde esta instituição constroem sua inserção na cidade; há o grupo que trabalha nas Usinas hidrelétricas, seja em Santo Antônio ou Jirau; há os que estão empregados no serviço de limpeza urbana de Porto Velho e há outro grupo cuja ocupação varia de construção civil a carregador faxineiro, conforme Tabela I disposta nas páginas 8 e 9. Na foto abaixo, retratamos uma liderança haitiana no Canteiro de obras da Usina de Santo Antônio, em Porto Velho.



Foto de trabalhador haitiano, líder da comunidade haitiana da construção da Usina Hidrelétrica de Santo Antônio – Porto Velho/Rondônia. Foto tirada por Renata de Melo Rosa em 10/03/2014.

O suporte governamental, da Pastoral do Migrante e da Universidade Federal do Estado de Rondônia aos imigrantes haitianos, conforme pudemos observar nos

³ Ver <<http://www.rondonoticias.com.br/ler.php?id=119494>>. Acesso em: 4 jul. 2013.

⁴ Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

(IBGE) disponíveis em: <<http://www.seplan.ro.gov.br/noticias.asp?id=2850&tipo=Noticia>>. Acesso em: 10 abr. 2013.

dois momentos da pesquisa de campo, está ligado desde a assistência para a obtenção do visto de permanência, apoio jurídico relacionado a litígios de ordem trabalhista, acesso à Embaixada em Brasília e orientações em geral, como, por exemplo, disponibilização de informações acerca do processo de solicitação de reunião familiar no Brasil.

A decisão de se fazer entrevistas foi motivada pelo fato de que o que se buscou investigar durante a pesquisa de campo foram as percepções e impressões dos/das interlocutores/as: dados de caráter subjetivo e impreciso, tal como afirma Demo, “desafio do método é, no fundo, o mesmo: busca-se tratar com precisão uma realidade imprecisa” (DEMO, 1997, p. 52-53). Este raciocínio é corroborado pelo cientista social Antonio Carlos Gil:

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais. Psicólogos, sociólogos, pedagogos, assistentes sociais e praticamente todos os outros profissionais que tratam de problemas humanos valem-se dessa técnica, não apenas para coleta de dados, mas também com objetivos voltados para diagnósticos e orientação. Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes. (GIL, 1995, p. 113)

Tendo a entrevista como metodologia de coleta de dados empíricos, foi utilizada a técnica de entrevista “despadronizada ou não-estruturada”, o que implicou em algumas perguntas-chaves, mas com abertura para a construção de um diálogo mais espontâneo entre os pesquisadores e o(s)/a(s) interlocutor (es)/a(s). Desta forma, foi possível obter uma qualidade e variedade de dados que puderem ilustrar de forma mais rica as intenções e percepções do grupo entrevistado, como explica Lakatos e Marconi:

O entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal. Modalidade Entrevista Focalizada: Há um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar e o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser: sonda razões e motivos, dá esclarecimentos, não obedecendo, a rigor, a um estrutura formal. (LAKATOS; MARCONI, 1994, p. 197).

Assim, a investigação do sentido tornou-se um diálogo intersubjetivo, nos termos propostos por Roberto Cardoso de Oliveira (1998) e Geertz (1998). Os dados, de caráter subjetivo, organizam o universo de estudos

da ciência social e a idéia utilizada nesta pesquisa foi seguir a orientação de Geertz (1998, p. 37) quando diz que a construção do conhecimento deve se concentrar no “significado que instituições, ações, imagens, elocuições, eventos, costumes têm para os seus proprietários”. Assim, o esforço metodológico empreendido consistiu na busca do sentido para os donos da ação, nos termos de Weber (1994) e Geertz (1998). Em Porto Velho, buscou-se o esforço interpretativo de construir um diálogo inter-subjetivo com os imigrantes haitianos recém-chegados ao Brasil e suas interpretações para esta mudança de vida.

Dessa forma, as entrevistas não foram feitas de forma a seguir um roteiro extremamente rigoroso, mas de modo a propiciar um diálogo inter-subjetivo. Optou-se por iniciar o diálogo com algumas perguntas fundamentais, mas a condução da conversa com os/as interlocutores/as ocorreu de forma não estruturada, com o propósito de obter uma variedade e qualidade da subjetividade de cada ator. Assim, buscou-se também traçar um perfil dos indivíduos entrevistados e mapear os porquês da escolha migratória. As perguntas fundamentais foram:

- Por que você escolheu vir para o Brasil?
- Como foi o caminho que você fez do Haiti até chegar ao Brasil?
- De que cidade do Haiti você veio?
- Você estudou até que ano?
- Qual é seu objetivo aqui no Brasil?
- É casado/a? Você tem filhos? Onde está a família?
- Você tem enviado recursos para seus familiares no Haiti? Por quê?
- O que você tem achado do Brasil até o presente momento? E Porto Velho?
- Você pretende voltar a viver algum dia no Haiti ou seu objetivo é se estabelecer aqui no Brasil?
- Você pretende trazer seus familiares para o Brasil? Quando?
- Qual era a sua profissão no Haiti?
- Qual é a sua profissão aqui no Brasil?
- O que você acha da atuação da Minustah (Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti)?
- Como você imaginava o Brasil antes de vir para cá?
- Você está gostando de viver no Brasil? Por quê?

O desafio de se aplicar o método da entrevista não-padronizada é, como explica o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira, extrair os dados pretendidos diante “idiomas culturais” diferentes e do “confronto” entre duas visões de mundos diferentes em que ocorre a entrevista

e, assim, conseguir construir um “encontro etnográfico” (OLIVEIRA, 2000, p. 23-24).

Essa relação dialógica [...] guarda pelo menos uma grande superioridade sobre os procedimentos tradicionais de entrevistas. Faz com que horizonte semânticos em confronto – o do pesquisador e o do nativo – abram-se uma ao outro, de maneira a transformar tal *confronto* em um verdadeiro “encontro etnográfico”. Cria um espaço semântico partilhado por ambos interlocutores, graças ao qual pode ocorrer aquela “fusão de horizontes” – como os hermenêutas chamariam esse espaços –, desde que o pesquisador tenha a habilidade de ouvir o nativo e por ele ser igualmente ouvido, encetando um formalmente um diálogo entre “iguais”, se receio de estar, assim, contaminando o discurso do nativo com elementos de seu próprio discurso. (OLIVEIRA, 2000, p. 24)

Desta forma, buscou-se o exercício pleno da intersubjetividade que, de acordo com Cardoso de Oliveira (1988), trata-se de uma “investigação que revitaliza o pesquisador e pesquisado enquanto individualidades explicitamente reconhecidas [...]” (OLIVEIRA, 1988, p. 101). Neste sentido, nosso exercício de intersubjetividade esteve em sintonia com a antropologia interpretativa de Clifford Geertz (GEERTZ, 1973). Tendo este autor como referencial teórico fundamental, buscamos entender, por meio dos/das imigrantes haitianos/as em Porto Velho, os símbolos e significados do processo migratório que eles atribuem às suas trajetórias. De acordo com Geertz:

To look at the symbolic dimension of social action – art, religion, ideology, science, law, morality, common sense – is not to turn away from the existential dilemmas of life for some empyrean realm of de-emotionalized forms; it is to plunge into the midst of them. The essential vocation of interpretative anthropology is not answer our deepest questions, but to make available to us answers that other, guarding other sheep in other valleys, have given, and thus to include them in the consultable record of what man has said. (GEERTZ, 1973, p. 30).

2 Perfil dos haitianos no Brasil

Segundo uma análise feita pelo Conselho Nacional de Imigração⁵ (CNIg), de janeiro de 2010 a maio de 2013, o Ministério do Trabalho e Emprego emitiu 5.398 Carteiras de

Trabalho e Previdência Social para imigrantes haitianos. Deste total, 5.176 trâmites foram feitos pelas Superintendências dos estados do Acre e do Amazonas. Também no mesmo período, o CNIg emitiu quase 3.000 vistos humanitários a haitianos. Apenas 285 vistos foram dados pela Embaixada do Brasil em Porto Príncipe. O restante chegou ao Brasil, em sua maioria, pelas fronteiras da Região Norte do país. Vale ressaltar que estes imigrantes recebem a carteira de trabalho antes da conclusão do processo de tramitação do visto. Uma vez dada a entrada com o formulário de pedido de visto humanitário e a entrega da documentação necessária junto à Polícia Federal, o migrante haitiano já pode solicitar documentos como o Cadastro de Pessoas Física (CPF) e a Carteira de Trabalho Previdência Social (CTPS).

O CNIg, a partir da análise destes 5.398 casos que já receberam a carteira de trabalho, dos quais 83% eram homens e 17% eram mulheres, elaborou dados com os quais é possível delimitar um perfil básico do migrante haitiano no Brasil.

2.1 Tipo de ocupação

O perfil ocupacional dos haitianos está relacionado a empregos de baixa especialização. Boa parte destes imigrantes está sendo contratada para trabalhar no ramo da construção e em setores de serviço que requerem pouca capacitação, conforme tabela abaixo.

Profissão	Número
Servente de Obras	418
Pedreiro	143
Coletor de lixo domiciliar	76
Alimentador de Linha de Produção	75
Ajudante de Motorista	67
Almoxarife	42
Trabalhador de serviços de limpeza e conservação de áreas públicas	39
Carpinteiro	29
Trabalhador da Manutenção de Edificações	24
Armazenista	22
Auxiliar Geral de Conservação de Vias Permanentes (exceto trilhos)	22
Operador de linha de montagem (aparelhos eletrônicos)	21
Carregador (armazém)	21
Auxiliar de serviços de alimentação	20
Faxineiro	19
Lavador de Veículos	19
Outros	363
Total	1420

Fonte: Conselho Nacional de Imigração: Migração Haitiana ao Brasil. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/arquivos-de-audio-e-video/paulo-sergio-de-almeida>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

⁵ Os dados apresentados podem ser acessados em <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/arquivos-de-audio-e-video/paulo-sergio-de-almeida>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

2.2 Nível de escolaridade

Apenas 3,8% dos imigrantes analisados pelo CNIg possuíam curso superior e 70,3% não concluíram o ensino médio, sendo que 31,7% não terminaram o correspondente ao Ensino Fundamental no Brasil.

Tabela 2 – Nível de Escolaridade dos Haitianos no Brasil

Escolaridade	Número	Percentual
Ensino Fundamental Incompleto	1713	31,7%
Ensino Médio Incompleto	1541	28,5%
Ensino Médio Completo	1086	20,1%
Ensino Fundamental Completo	549	10,1%
Ensino Superior Incompleto	229	4,2%
Superior Completo	208	3,8%
Outros	72	1,3%
Total	5398	100%

Fonte: Conselho Nacional de Imigração: Migração Haitiana ao Brasil. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/arquivos-de-audio-e-video/paulo-sergio-de-almeida>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

2.3 Faixa etária

Como usual nos processos migratórios cuja finalidade é abastecer o país receptor de força de trabalho não qualificada, o grupo etário predominante dos imigrantes haitianos no Brasil é composto por jovens adultos entre 21 a 30 anos, somando 49% do total, seguido por pessoas entre 31 e 40 anos, com 38%. Tal padrão etário mantém-se quando se considera um recorte de gênero.

Tabela 3 – Faixa Etária dos haitianos no Brasil

Idade	Número	Percentual
Até 20 anos	108	2%
21 a 30 anos	2651	49%
31 a 40 anos	2056	38%
41 a 50 anos	512	9%
51 a 60 anos	71	1%
Total	5398	100%

Fonte: Conselho Nacional de Imigração: Migração Haitiana ao Brasil. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/arquivos-de-audio-e-video/paulo-sergio-de-almeida>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

Tabela 4 - Faixa etária com recorte de gênero

Idade	Feminino	Percentual	Masculino	Percentual
Até 20 anos	31	3%	77	2%
21 a 30 anos	457	49%	2194	49%
31 a 40 anos	358	39%	1698	38%
41 a 50 anos	73	8%	439	10%
51 a 60 anos	9	1%	62	1%
Total	928	100%	4470	100%

Fonte: Conselho Nacional de Imigração: Migração Haitiana ao Brasil. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/arquivos-de-audio-e-video/paulo-sergio-de-almeida>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

Tendo em vista os dados acima analisados é possível traçar o perfil básico do imigrante haitiano como homem, entre 21 e 40 anos de idade, educação básica incompleta e que desenvolve atividades de baixa qualificação e nível de especialização. Isto sinaliza que o foco desta imigração é abastecer um lugar no mercado de trabalho que implica o uso exclusivo da força física. Tal fato implica em uma idéia de hierarquização da migração, que envolve a exclusão do feminino, das crianças e dos idosos, cuja finalidade é tratar o migrante como um objeto da relação de produção, desvinculado de sua terra natal, idioma, família e laços afetivo (RIBEIRO, 1991, p. 131):

Estes trabalhadores fazem parte, caracteristicamente, de um sistema migratório de trabalho, isto é, a reprodução social de suas famílias ocorre em áreas diferentes daquela onde eles trabalham.

Se esta hipótese se confirmar ao longo do tempo, é fundamental que o governo brasileiro se ocupe de equalizar as diferenças de gênero, faixa etária e nível de escolaridade na seleção dos imigrantes haitianos, por meio de políticas de incentivo à migração de grupos qualificados, de modo a formar um grupo heterogêneo de haitianos que não reproduza os estereótipos de raça e gênero que estruturam a formação histórica do Brasil.

3 Entrevistas e análises

Durante os dois momentos da pesquisa de campo, pudemos entrevistar formalmente alguns haitianos e conversar com muitos outros. Além disso, foi possível testemunhar situações importantes para o entendimento da situação dos imigrantes haitianos, como o processo de obtenção de visto junto à Polícia Federal em Porto Velho, processos de cunho trabalhista, bem como o esforço de

adaptação materializado nas aulas de língua portuguesa oferecidas especialmente para este grupo. O perfil de nossos/as interlocutores/as é coerente com o perfil estabelecido a partir dos dados da análise feita pelo Cnig, acima apresentado.

Neste processo de investigação foi possível definir diversos aspectos que se relacionam com a escolha do Brasil enquanto destino do processo diaspórico haitiano. Para além das motivações consideradas mais fundamentais neste processo, como a situação de pobreza e instabilidade econômica e política que o Haiti, historicamente, se encontra, buscamos compreender as causas específicas que respondem à pergunta que orientaram esta pesquisa: Por que o Brasil?

3.1 Os personagens⁶

Os movimentos populacionais migratórios são movimentos de pessoas. Cada uma delas carrega uma história de vida, motivações e aspirações diferentes, mas sempre com um objetivo comum: buscar melhores condições de vida, seja material, seja no campo das realizações pessoais. Isso, como não poderia deixar de ser, se manifestou claramente no relato de todos/as os/as interlocutores/as haitianos em Porto Velho. Foram relatos que expressaram resiliência, resignação, mas também esperança no futuro no Brasil e o desejo de uma existência mais digna. Este desejo se estendia também aos familiares que viviam no Haiti. Junto a isso, foram coletadas, a partir destas entrevistas, informações fundamentais para a construção desta pesquisa.

A seleção dos/as interlocutores/as buscou respeitar a representatividade de gênero. Entretanto, o acesso às mulheres haitianas representou um desafio durante as pesquisas de campo devido aos fatores relacionados à desigualdade de gênero, como o caráter privado da vida das mulheres haitianas, que se reproduz em Porto Velho, o que implicava em menos exposição à vida pública, ao menor domínio do português, dificultando a integração destas mulheres com a sociedade local.

O nível de escolaridade de nossos/as interlocutores/as era variado. Foram entrevistadas pessoas com baixa escolaridade, que trabalharam em zonas rurais em suas cidades de origem no Haiti, bem como pessoas com curso superior concluído. Entretanto,

quando se considera a empregabilidade e a atividade profissional destes imigrantes exercida em Porto Velho, vemos que, em sua maioria, desempenham funções que requer baixa qualificação. No geral, os homens trabalham como operários na construção civil nas obras de expansão imobiliária que vive atualmente a cidade, nas duas grandes obras do Rio Madeira: as usinas hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau e no serviço de limpeza urbana de Porto Velho. Já as mulheres, como empregadas domésticas ou serviços de limpeza, em sua maioria.

Outro fator importante, comum a muitos/as dos/as nossos/as interlocutores/as é, à medida que a situação econômica e, conseqüentemente, empregatícia melhora, a unificação familiar se faz um processo presente. Assim, o imigrante já estabelecido no Brasil, em especial, Porto Velho, dá início aos procedimentos legais e burocráticos para a vinda de seus familiares - cônjuges, filhos, irmãos, pais - para viver no Brasil. Segundo o Estatuto do Migrante,

A reunião familiar é uma modalidade de permanência que visa à aproximação da família, mantendo a unidade de seus membros. Assim, um estrangeiro registrado como permanente, ou um brasileiro, assume a qualidade de chamante de um ente familiar que se enquadre na condição de dependente legal (chamado), conforme previsto na Resolução Normativa nº 36/99 do Conselho Nacional de Imigração. A permanência com base em reunião familiar só será concedida ao estrangeiro que se encontrar com estada regular no País.⁷

Segundo a Resolução Normativa 36 de 1999 do Cnig, são elegíveis para requerer a situação de dependente legal de estrangeiros que vive no Brasil:

Art. 2º - Para o efeito do disposto nesta Resolução, consideram-se dependentes legais:

I - filhos solteiros, menores de 21 anos, ou maiores que comprovadamente sejam incapazes de prover o próprio sustento;

II - ascendentes desde que demonstrada a necessidade efetiva de amparo pelo chamante;

III - irmão, neto ou bisneto se órfão, solteiro e menor de 21 anos, ou de qualquer idade quando comprovada a necessidade de prover o próprio sustento;

⁷ Fonte: site do Ministério da Justiça. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/main.asp?View={A1BC41DEC501-4FD4-8651-4891730652C3}&BrowserType=IE&LangID=pt-br¶ms=itemID%3D%7BE5BAC014-C69B-4CC7-8B65-390480BD7ADC%7D%3B&UIPartUID=%7B2868BA3C-1C72-4347-BE11-A26F70F4CB26%7D>>. Acesso em: 09 mar. 2013.

⁶ Os nomes dados aos imigrantes haitianos são fictícios.

IV - cônjuge de cidadão brasileiro; e

V - cônjuge de estrangeiro residente temporário ou permanente no Brasil.

Este quadro de reunião familiar indica um segundo fluxo migratório para o Brasil, que é o de reunião familiar. Durante os dois momentos da pesquisa de campo em Porto Velho, foi possível presenciar muitos haitianos coletando informações junto à Pastoral do Migrante, à Secretaria de Assistência Social do Governo de Rondônia e ao Grupo de Pesquisa “Migração, Memória e Cultura na Amazônia Brasileira”, da Universidade Federal de Rondônia, sobre como seria o processo e as etapas necessárias a se cumprir para que seus familiares venham viver no Brasil.

A seguir, relataremos breves histórias de vida dos/ das interlocutores/as haitianos/as que foram entrevistados formalmente durante a pesquisa de campo ocorrida em Porto Velho.

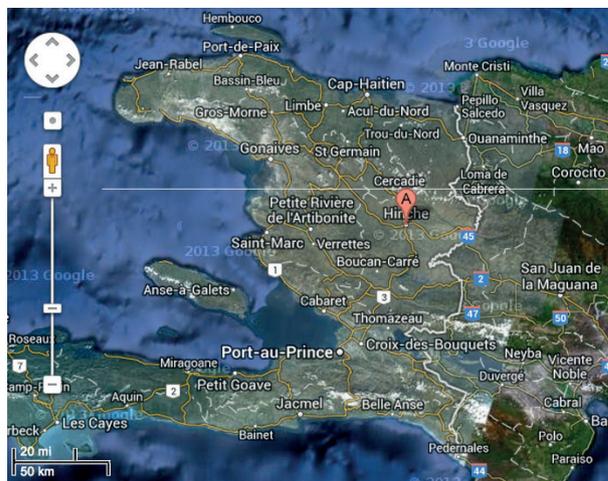
3.1.1 Rosenie



Rosenie (foto ao lado⁸), 23 anos, é enfermeira recém formada no Haiti. Veio para o Brasil por causa de seu irmão mais velho de 25 anos, que chegou há quase dois anos. Ele estudava Ciências Contábeis e, atualmente, trabalha e mora no canteiro de obras da Usina Hidrelétrica de Jirau, a cargo do consórcio “ESBR - Energia Sustentável do Brasil, na qual trabalha como operário.” Segundo ela, ele decidiu migrar para o Brasil depois do terremoto de Janeiro de 2010, quando a universidade em que estudava foi completamente destruída. Ele se encontrava no local e foi um dos poucos sobreviventes.

Localização da cidade de Hinche

Sua família é da cidade de Hinche (veja localização no mapa a seguir⁹), cidade de cerca de 50 mil habitantes, capital do Departamento do Centro. Sua mãe, 42 anos, tem um pequeno mercado e seu pai, 48, é



marceneiro. Rosenie tem outros dois irmãos que vivem no Haiti, um de 19 anos que cursa Engenharia e o mais novo, que tem 10 anos. Segundo ela, todos seus familiares querem vir viver no Brasil, mas os custos da viagem são muitos altos.

A interlocutora, que tem o objetivo de fazer uma pós-graduação no Brasil sobre saúde neo-natal, trabalhou como enfermeira durante a epidemia de cólera, em 2010, e atualmente vive a cansativa jornada em dois empregos. Durante o dia, trabalha como empregada doméstica e, das 18h à meia noite, como garçoneiro em uma lanchonete. Ela explica o motivo da intensa rotina:

“Fico muito cansada, mas preciso de dinheiro para ajudar minha família e ajudar a pagar a escola e faculdade dos irmãos¹⁰”.

Rosenie, como boa parte dos haitianos em Porto Velho, divide o aluguel de R\$ 1.000,00 com compatriotas que conheceu já na cidade. Em sua casa de três quartos vive com uma colega, também doméstica, e um casal com dois bebês, o mais novo nascido no Brasil e o mais velho durante a viagem de vinda, no Equador.

Ao contrário de todos os outros entrevistados, Rosenie entrou no Brasil pelo aeroporto de Belo Horizonte, com um visto de turista adquirido na Embaixada Brasileira em Porto Príncipe. Ela é a única entrevistada que vive em situação irregular no País, uma vez que seu visto já havia vencido. Para regularizar sua situação, precisará pagar uma multa de R\$ 800,00 à Polícia Federal.

⁸ Foto tirada por Pedro Ivo de Alcântara Moraes.

⁹ Fonte: Google Maps

¹⁰ Entrevista concedida a Pedro Ivo de Moraes Alcântara, em 26/10/2012, no campus da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho (RO).

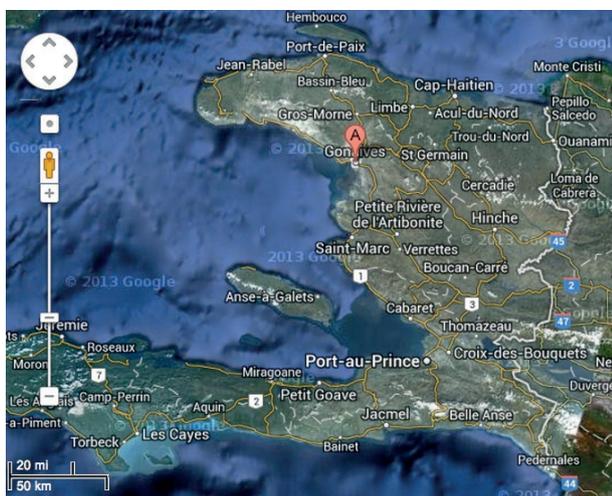
3.1.2. Jean Baptiste

Jean Baptiste (foto ao lado¹¹), 26 anos, é de Gonaives (veja localização no mapa a seguir¹²), município de cerca de 300 mil habitantes, capital



de departamento de Artibonite. Foi na cidade que, em 1º de janeiro de 1804, o líder revolucionário Jean Jacques Dessalines declarou a então colônia de *Saint Domingue* independente da França, tornando Gonaives também conhecida como a Cidade da Independência.

Localização de Gonaives



Segundo ele, foi um dos primeiros haitianos a chegar em Porto Velho. Saiu do Haiti no dia 28 de novembro de 2010 e, depois de passar por quatro diferentes países, chegou ao Brasil no dia 6 de dezembro do mesmo ano. Hoje ele trabalha como pintor de paredes para uma empresa de construção local. Para Jean Baptiste, morar no Brasil era um sonho que vinha desde sua infância:

Era meu sonho vir para o Brasil. Eu já sonhei quando era pequenininho que vinha para o Brasil, viver aqui um tempo. Pensava em vir aqui, quando eu tinha uns 14 e 15 anos para jogar bola.¹³

Jean Baptiste trabalhava no Ministério da

Educação do Haiti e era estudante de Ciências Sociais em Porto Príncipe, mas, faltando dois anos para a conclusão de seu curso, o terremoto de janeiro de 2010 mudou por total seus planos. Além de ter destruído seu local de trabalho e sua faculdade, tragicamente matou seu pai, que, além da dor da perda, mudou, assim, toda a dinâmica de sua família, aumentando sua responsabilidade para o sustento desta.

Faltava dois anos para terminar tudo. Eu fiz um pouquinho de Ciências Sociais lá. Trabalhava no Ministério da Educação. Agora, não tem como eu terminar. Agora eu só ajudo a pagar a escola do meu irmão. Ele está no colégio. É melhor pagar uma faculdade do que um colégio. Um colégio é até 3 mil dólares americanos.

Ele, que já domina o idioma português, está encabeçando a criação de uma associação para apoiar os haitianos em Porto Velho. A ideia é que este local seja uma referência, sobretudo, para novos imigrantes que chegam à cidade, mas também ajudar seus compatriotas no próprio Haiti.

Nós, haitianos que estamos aqui em Porto Velho, aqui em Manaus, temos muita dificuldade para fazer um passaporte. Associação é para ajudar os haitianos que chegam aqui em Porto Velho. Eles não têm nenhum lugar para dormir. [...] A gente pode procurar umas pessoas que tenham um quarto livre para ele ficar dois ou três dias. Ai a gente ajuda a resolver as coisas do papel (documentação) dele para ele poder trabalhar e pagar o próprio *apê*. A gente tem que fazer um projeto para ajudar lá no Haiti também. Lá precisa de muita ajuda. Lá não tem casa mais. É horrível.

Jean Baptiste já planeja ajudar alguns familiares a virem para o Brasil devido à falta de oportunidades de emprego que vive o país caribenho.

Eu quero ajudar meu primo e minha prima para vir aqui trabalhar. Para uma pessoa trabalhar lá é muito complicado. Se o patrão não gosta de você, ele manda embora. Lá é muito difícil para pegar trabalho.

3.1.3 Marie Josette

Marie Josette (veja foto ao lado¹⁴), 27 anos, é casada e mãe de uma menina de 3 anos de idade. O marido integra o corpo de soldados



¹¹ Foto tirada por Pedro Ivo de Moraes Alcântara em Porto Velho.

¹² Fonte: Google Maps

¹³ Entrevista concedida a Pedro Ivo de Alcântara Moraes, em 28/10/2012, na sede da Pastoral do Migrante, Porto Velho – RO.

¹⁴ Foto tirada por Pedro Ivo de Alcântara Moraes.

da temida Polícia Nacional Haitiana, e a criança ficou em sua cidade natal Porto Príncipe.

Ela chegou em abril de 2011, em Brasileira/Acre, onde, como a grande maioria dos haitianos que têm migrado para o Brasil, passou mais de três meses esperando o visto. O percurso para chegar até o Brasil durou duas semanas e foi acompanhado por um cunhado. Eles passaram pela República Dominicana, Panamá, Equador, Peru e Bolívia.

Marie Josette não conhecia muito mais do que o nome de alguns jogadores de futebol e algumas paisagens do Brasil antes de migrar.

Eu vim para o Brasil porque, lá na minha casa, eu vi que o Brasil era muito lindo. Eu gosto de jogar bola também. Eu assistia todos os dias jogos de bola. Aqui é muito lindo, muito tranquilo, seguro¹⁵.

No Haiti, ela não trabalhava, mas estava cursando o equivalente ao ensino médio brasileiro. Em Porto Velho, trabalha na área de limpeza de uma empresa do ramo da construção civil, a mesma que Jean Baptiste trabalha. Além de mandar dinheiro todos os meses para o marido e a filha, ainda ajuda os pais e sete irmãos (quatro homens e três mulheres). A responsabilidade em ajudar os familiares no Haiti e o trabalho de baixa qualificação exercido no Brasil tem sido, para ela, uma preocupação.

Para mim, o Brasil é bom. Nós haitianos viemos para cá, a gente fica, trabalha, come, nós temos muita segurança, a gente dorme tranquilo. A gente quer sair, pode, a gente quer entrar, pode. O País é bom com a gente. O problema que vejo para todos os haitianos e para mim mesma é que o salário é muito baixo. Se a gente fica aqui, a gente precisa ajudar a nossa família e, aqui, pagar aluguel, luz, água, comer. O salário é muito baixo.

Apesar de gostar do Brasil, Marie Josette ainda não tem certeza se permanecerá vivendo aqui. Tudo dependerá se ela conseguirá concluir com sucesso o processo de reunião familiar.

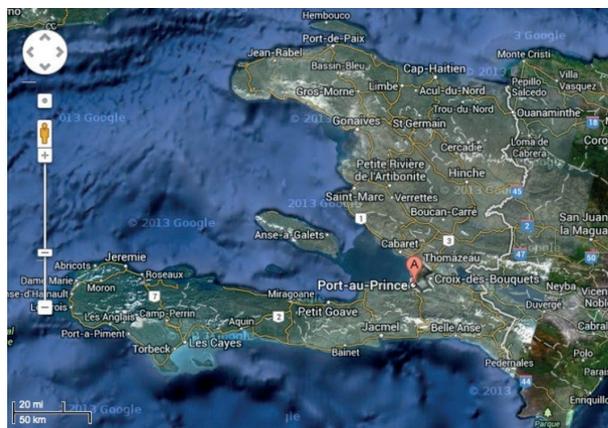
Eu decidi vir para cá porque o Haiti está em uma crise econômica. Seu eu conseguir trazer minha filha, minha mãe e meu marido, eu vou ficar aqui. Se eu não conseguir, eu vou só passar um tempo.

3.1.4 Jean Emmanuel

Com apenas 22 anos, Jean Emmanuel, é o mais novo dos/das interlocutores/as entrevistados. Da mesma forma que muitos dos haitianos que estão migrando para o Brasil, sua vida foi drasticamente afetada pelo terremoto de janeiro de 2010. Ele era estudante de Ciências Econômicas em uma das universidades destruídas pelo terremoto de janeiro de 2010. Segundo ele, por sorte, ele havia saído mais cedo para estudar em casa. Entretanto, perdeu muitos amigos e colegas na catástrofe.

O sonho de concluir um curso superior foi interrompido naqueles 35 segundos em que a terra tremeu em Porto Príncipe¹⁶. Entretanto, Emmanuel continua firme atrás desse objetivo. Primeiramente, em maio de 2011, foi para República Dominicana para tentar dar continuidade a seu curso. Entretanto, o alto custo das mensalidades levou-o a tentar a sorte em Quito, no Equador, onde vive uma amiga de sua mãe.

Localização de Porto Príncipe



No país andino, apesar da burocracia, a possibilidade de ingressar em uma universidade poderia tornar-se real. Entretanto, depois de sete meses sem a documentação que o permitisse trabalhar, apesar da ajuda financeira que recebia de sua mãe, seu objetivo de fazer seu curso superior foi mais uma vez adiado. Assim, o Brasil entra como uma opção migratória:

“Minha mãe ligou para mim falando que o Brasil está aceitando haitiano entrar. Eu tenho família lá nos Estados Unidos. Meu tio que falou para minha mãe que eu posso entrar no Brasil. Minha mãe falou: ‘vá pra lá pro Brasil, porque não tem como te ajudar. Eu não posso mandar dinheiro para vc, porque tudo está quebrado lá

¹⁵ Entrevista concedida a Pedro Ivo de Moraes Alcântara, em 28/10/2012, na sede da Pastoral do Migrante, Porto Velho – RO.

¹⁶ Fonte: Google maps

(no Haiti). É melhor você conseguir um país que possa te ajudar a trabalhar e a conseguir dinheiro, né? Eu falei: 'Está bom eu vou'. Eu comprei um bilhete para o Peru. O avião no Equador é muito caro, né. Eu vou de ônibus para o Peru e, do Peru, para o Brasil. Aí eu peguei um ônibus que foi para a Brasília. Eu entrei lá e fiquei dois meses. Eu tinha o dinheiro que eu estava dando o curso de francês. Com esse dinheiro e aluguei um hotel. Eu paguei 150 Reais por mês. Eu passei dois meses lá esperando meu CPF.¹⁷

Em Porto Velho, desempenha uma dupla jornada de trabalho: durante o dia trabalha no estoque de uma grande distribuidora de alimentos e, à noite, como mensageiro de um hotel. Aqui no Brasil, ele segue com o objetivo de cursar uma faculdade. Devido à vivência com diferentes idiomas ao longo de seu trajeto até o Brasil, Emmanuel agora pretende cursar Letras. Entretanto, ele sabe que há um longo caminho a percorrer:

Mas agora eu estou pensando em continuar meus estudos, né. Eu tenho que trabalhar mais para poder fazer dinheiro, para poder economizar um pouco, para poder preparar meu futuro, né? Agora eu queria fazer minha faculdade e trabalhar. Isso é o que eu quero para a minha vida.

Sua família segue na cidade de Gonaives, no Haiti, e não pretende migrar para o Brasil. Sua mãe é dona de um pequeno mercado, seu pai trabalha como motorista, mas no momento está desempregado. Além disso, ele tem duas irmãs mais velhas casadas. Uma é economista e trabalha para o banco Western Union, em Porto Príncipe e a outra exerce a função de manicure. Uma terceira irmã, de 12 anos, cursa a educação primária.

3.1.5 Diderot e Bernadel



Diderot, 31 anos, (à direita na foto¹⁸ ao lado) e Bernadel, 33 anos, (à esquerda da foto) não são migrantes de primeira viagem. Ambos moraram e trabalharam na República Dominicana, de onde guardam duras lembranças sobre o preconceito contra os haitianos. Falando o português ainda com certa dificuldade, misturando com o espanhol

aprendido naquele país, Diderot relata um pouco das dificuldades vividas em Santo Domingo:

Eu passei três anos lá em Santo Domingo. Não gostei, porque os dominicanos não tratam a gente como o brasileiro. Eles tratam mal. Sempre quando vêem um haitiano eles falam: 'Maldito haitiano'. Se eu *trabajar* com uno e se tem *bueno* coração, ele paga eu. Se não paga, eu não posso falar 'hei, eu quero meu dinheiro'. Se ele tem uma pistola ou qualquer coisa ele pode matar eu. E depois a polícia não vai falar nada.¹⁹

Em Gonaives, cidade natal de ambos, não possuíam emprego fixo. Com o ensino médio incompleto, às vezes trabalhavam na área de construção civil, outras vezes, com a agricultura, ou até mesmo conduzindo táxi. Tudo dependia da disponibilidade de trabalho.

Para Diderot, a vida antes do terremoto de janeiro de 2012, quando morava na capital Porto Príncipe, era menos complicada, pois contava com o apoio do pai para continuar a estudar. Além de casado e pai de dois filhos, um de 2 anos e outros de 4, é o filho homem mais de velho de uma família de 7 irmãos, o que, segundo ele, aumentou muito suas responsabilidades desde a morte do pai.

Antes nós *morava* em Porto Príncipe. Depois que passou o terremoto, nós vamos em Gonaive. E então, quando meu pai morre, eu primeiro homem, porque tem uma mulher que é primeiro, por isso eu fui *trabajar* para ajudar *mi* mãe e, pro outro que é *mais pequeno*, para ganhar dinheiro para a escola, para comer, para tudo. Sou eu que vai ajudar *mi* mãe, porque *mi* mãe tem sete filhos. E sou o homem mais velho. Ela tem quatro homens e sete mulheres. Depois eu tenho mulher lá. Tem um filho que tem quatro anos e outro que tem dois. Eu tenho outro com uma mulher que casei antes.²⁰

Bernadel, como o amigo e companheiro de viagem, também é casado e tem dois filhos, um de 2 anos e outra de 5 anos de idade. A ideia de vir para o Brasil veio de Roger, que possui um primo vivendo em Porto Velho há mais de cinco anos.

Quando estou em *mi* país, tem um primo *mio* que estava aqui antes. *Mi* primo ligava com muitos haitianos em *mi* país. E os haitianos também falava comigo. *Mira*, lá em Brasil tem um primo *mio* que disse Brasil tem muita coisa, muito trabalho. Digo bom: se eu tenho *dinero* para comprar passagem, eu vou lá em Brasil. E cada semana, *mi* primo liga lá em meu país para eu saber como está aqui. Se podia vir aqui, se

¹⁷ Entrevista concedida a Pedro Ivo de Moraes Alcântara, em 29/10/2012, no Hotel Porto Madero, Porto Velho – RO.

¹⁸ Foto tirada por Pedro Ivo de Moraes Alcântara.

¹⁹ Entrevista concedida a Pedro Ivo de Moraes Alcântara, em 27/10/2012, na sede da Pastoral do Migrante, Porto Velho – RO.

não podia vir aqui [...]. Quando eu tenho *dinero* e vou chegar em Brasil. Então, eu trabalho em *mi* país, junta-me *dinero*. Eu lá fazer passaporte em Porto Príncipe. Depois, imigração de meu país põe carimbo dentro de meu passaporte. Depois comprar a passagem de avião. Isto custa muito *dinero* lá, 1.100,00 Dólares Americanos até Lima.²⁰

A jornada de Diderot e Bernadel foi mais longa do que às dos demais entrevistados. Depois de juntar o dinheiro para comprar as passagens aéreas de Porto Príncipe até Lima, não tinham mais economia o suficiente para chegar ao objetivo final: Porto Velho/RO. Por isso, ficaram seis meses na cidade peruana de Iñapari trabalhando na construção civil para juntar dinheiro para a etapa final da viagem e, também, para enviar recursos aos familiares no Haiti.

Depois da temporada no Peru, chegaram, finalmente à Brasília/AC no dia 5 de novembro de 2010, onde deram início ao processo de obtenção do visto para entrar no Brasil. Depois de quase dois meses de espera e oito meses de viagem, chegaram, no dia 5 de janeiro de 2011, ao destino final, Porto Velho/RO.

Ambos afirmam que estão gostando de viver no Brasil e não pretendem voltar a viver no Haiti. Já pensam em trazer as esposas e filhos. Bernadel afirma que os haitianos são bem tratados aqui no Brasil:

Esse país eu gosto, porque no primeiro dia que eu cheguei aqui no Brasil eu vou em (Polícia) Federal fazendo documento. Depois, quando eu tenho 6 meses e um ano já recebi residente. Esse país eu gosto. De todo, todo país *dans le mundo*, Brasil *primer* país que trata haitiano bem. Porque os brasileiros bem trata os estrangeiros e os haitianos. Muito boa, muito boa, passando de boa! E por isso, eu gosto Brasil, eu vou ficar em Brasil.

Os dois trabalham como operários em uma empresa do ramo da construção civil de Porto Velho.

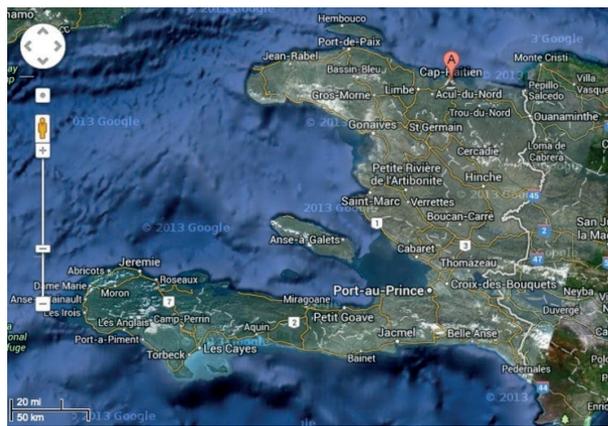
4 O visto

Durante todas as conversas formais ou informais com os haitianos que migraram para Porto Velho, a questão do visto de residência no Brasil apareceu como o principal fator motivacional da escolha migratória. Todos os

entrevistados expressaram de forma muito objetiva que foi a possibilidade de se trabalhar de forma legalizada que os trouxeram para terras brasileiras. É exatamente isso que explica o operário Emmanuel:

Para mim, eu decidi vir ao Brasil, primeiramente, não é todo país que já está aberto. [...]. Quando chegamos aqui no Brasil, nos fomos bem tratados e bem recebidos. E além disso, é o primeiro país que nos recebe dessa maneira. [...]. Depois disso tudo, é o primeiro país que nos dá todos os documentos. A gente ganha o visto, ganha a residência... É como se nós fôssemos igual aos brasileiros, a mesma gente.”

Localização de Cabo Haitiano



Um outro relato extremamente marcante foi o do alfaiate Veniel. Embora conseguido a partir de uma conversa informal em seu pequeno quarto, o qual divide com a namorada também haitiana, a conversa forneceu informações relevantes sobre a rejeição sofrida pelos migrantes haitianos no Caribe. Em 27 anos de profissão, Veniel morou em diversos países, dentre eles, República Dominicana, Guadalupe e Bahamas. Deste último, traz duras lembranças devido à grande discriminação e repressão sofrida pelos haitianos, que segundo ele, são frequentemente denominados pelas forças policiais como *Haitian Dogs*, em português, *Cachorros Haitianos*.

Ele relatou também que os migrantes haitianos em Bahamas não conseguem fixar residência e, tampouco, dormir noites seguidas na mesma localidade, devido ao risco de serem capturados, presos e deportados pela polícia de imigração. Apesar da insistência de seu pai, que mora em Bahamas há 30 anos de forma ilegal, deixou o país caribenho e voltou para o Cabo Haitiano²¹. Lá ficou sabendo da possibilidade de ter o visto e trabalhar legalizado no Brasil e veio tentar a sorte no País. Em Porto Ve-

²⁰ Entrevista concedida a Pedro Ivo de Moraes Alcântara, em 27/10/2012, na sede da Pastoral do Migrante, Porto Velho – RO.

²¹ Fonte Google Maps.

lho, está trabalhando em uma confecção de roupas, onde coordenada toda a produção e uma equipe de 15 pessoas.

5 A concessão do visto no Brasil

No Brasil, até o momento, o processo de aquisição do visto é relativamente rápido. Apesar de período de espera em Brasília, que dura, em média, três meses, os vistos têm sido concedidos. Entretanto, conforme amplamente relatado pela imprensa e verificado pelos pesquisadores Geraldo Cotinguiba e Marília Pimentel, da Universidade Federal de Rondônia²², muitos destes migrantes, durante o período que aguardam o visto, ficam alojados em condições extremamente precárias, sem dinheiro e dependendo da ajuda do poder público e de organizações não-governamentais para se alimentarem e alojarem.

Durante esta etapa do processo migratório, os haitianos preenchem o formulário de pedido de refúgio, fornecido pela Polícia Federal. Este documento recolhe dados pessoais dos requerentes e informações sobre os motivos da migração.

5.1 O caminho

Primeiramente, é interessante destacar o longo e, muitas das vezes, errático caminho percorrido pelos migrantes haitianos para chegar ao Brasil. Este caminho, não em raros casos, chega a passar por cinco ou seis países diferentes, incluindo breves conexões aéreas e até mesmo meses de estadia. Isto indica que a América Latina está fragilmente integrada nos aspectos referentes à mobilidade humana. Se saírem da capital haitiana, Porto Príncipe, em geral, os haitianos passam pela República Dominicana, Panamá (neste país é, normalmente, uma breve escala devido à rota aérea), Equador, Colômbia, Peru, Bolívia (veja a ilus-



tração ao lado²³). Entretanto, tais rotas migratórias foram motivadas pela política equatoriana de ampla isenção de vistos para entrada no país e à não necessidade de visto a cidadãos haitianos para acesso ao Peru²⁴.

Assim, os caminhos percorridos pelos haitianos que vêm ao Brasil seguem a lógica de, primeiramente, entrar legalmente na América do Sul e, posteriormente, seguir por terra para a cidade de Tabatinga (representada pelo marcador azul no mapa abaixo), no estado do Amazonas - região da tríplice fronteira entre o Brasil, Colômbia e Peru, rota comumente utilizada pelos migrantes que vão para a cidade de Manaus - caminho feito por via fluvial, no Rio Solimões, com pouco ou nenhum controle por parte da Polícia Federal. A outra opção de entrada pela fronteira amazônica, e a mais utilizada pelos migrantes haitianos em Porto Velho, é seguir rumo à cidade de Cobija, na Amazônia boliviana, às margens do Rio Acre, que delimita a fronteira com o município de Brasília (representada pelo marcador laranja do mapa abaixo), no estado do Acre. Tanto Brasília, quanto Tabatinga, tornaram-se pontos de entrada devido à presença de postos da Polícia Federal, a partir dos quais os migrantes haitianos homologam o pedido de visto de permanência.

A viagem até o Brasil, de acordo com os/as interlocutores/as, foi feita a partir de pouco planejamento, como transparece no relato de Jean Baptiste, que, inclusive, acabou indo para Quito pensando que o Equador era um país fronteiro ao Brasil:

Eu cheguei em 6 de dezembro em Brasília. Eu deixei o Haiti dia 28 de novembro de 2010. Eu saí do Haiti, passei pela República Dominicana, peguei um vôo para a Colômbia. De Colômbia eu fui para Quito. Depois eu fui para o Peru. Eu não sabia onde eu ia. Eu só queria o Brasil. Eu achava que estava bem pertinho. Eu estava na Colômbia, fronteira vizinha. Eu fui lá para o Equador e não era vizinho do Brasil²⁵

A jornada de Marie Josette também foi igualmente

²² Ver PIMENTEL, M. L.; COTINGUIBA, G. C. Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho. *Travessia*, São Paulo, v. 70, p. 99-106, 2012.; COTINGUIBA, G. C.; PIMENTEL, M. L. Relato sobre imigração na Amazônia ocidental brasileira: haitianos em Porto Velho. *Nossa América Hoy: Revista do Memorial da América Latina*, São Paulo, v. 3, p. 24-26, 02 set. 2013.

²³ Fonte: <<http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2013/09/triplica-em-2013-numero-de-haitianos-ilegais-que-entram-pe-lo-acre.html>>. Acesso em: 23 jan. 2014.

²⁴ Este entendimento está sendo discutido pelas autoridades peruanas com vistas a coibir a entrada dos haitianos no Peru, conforme depoimento de autoridades consulares presentes no Encontro Bilateral Brasil – Haiti, realizado em dezembro de 2013 em Brasília.

²⁵ Entrevista concedida a Pedro Ivo de Moraes Alcântara, em 27/10/2012, na sede da Pastoral do Migrante, Porto Velho – RO.

longa, passando também por cinco países até chegar a Brasília, depois de duas semanas de viagem.

Eu fui para a República Dominicana, depois Panamá, depois Equador, depois Peru, Bolívia, e depois aqui. Eu passei dois dias no Equador. Peru passei três dias. Do Haiti para o Brasil eu levei duas semanas.²⁶

Com exceção de Rosenie, Diderot e Bernadel, que já tinham referências familiares na cidade, os/as interlocutores/as não tinham como objetivo específico chegar a Porto Velho/RO. A intenção era, simplesmente, chegar ao Brasil, já na fronteira com o Estado do Acre e, quem sabe, ir para um grande centro urbano como Rio de Janeiro e São Paulo.

Porto Velho tornou-se uma opção migratória durante o período de espera em Brasília, conseqüência da conjunção de alguns fatores, dentre eles: relatos sobre outros haitianos que foram para Porto Velho e se estabeleceram na cidade, a existência das duas grandes obras do Rio Madeira, a proximidade com a cidade de Brasília e ações do poder público local para desestimular a permanência destes migrantes na região. Estas atitudes se expressam nas falas do prefeito de Brasília, Everaldo Gomes, veiculadas na imprensa:

Estamos fazendo como manda as normativas dos direitos humanos, seja na saúde ou de outra forma. Não podemos é acomodá-los por muito tempo. Temos nossa população para atender e neste momento estamos com dificuldades.²⁷

Esta opinião também é compartilhada pelo presidente da Câmara Municipal de Brasília, Elson Santiago:

“O município de Brasília e sua população estão sendo prejudicadas, devido estar tendo que manter os haitianos.”²⁸

Por outro lado, tanto a visão da imprensa rondoniense, como o discurso das autoridades do governo de Rondônia enxerga como positiva a presença dos haitianos no Estado. De acordo com chefe da Casa Civil de Rondônia, Marco Antonio de Faria, “veio muita

gente com excelente formação intelectual para cá e que podem ser melhor aproveitada²⁹”.

O governo de Rondônia pretende fazer a solicitação ao Ministério da Saúde para a inclusão dos médicos haitianos no Programa Mais Médicos, do governo federal e tem sido bastante receptivo à entrada de haitianos no Estado. Eles estão alocados em diversos setores de ocupação, como já mencionado anteriormente e na cidade de Porto Velho, contam com o apoio da Secretaria de Assistência Social para conseguir postos de trabalho, como no setor de limpeza urbana da cidade Porto Velho. Na foto³⁰ abaixo, encontro entre o Secretário da Embaixada do Haiti, Pierre Rigaud, o chefe da Casa Civil de Rondônia, Marco Antonio de Faria e o Secretário de Assistência Social do Estado, Márcio Félix, no dia 11 de março de 2014:



Foto tirada por Renata de Melo Rosa em 11 de março de 2014

A UNIR – Universidade Federal de Rondônia também tem exercido um papel importante para a integração dos haitianos na cidade Porto Velho, por meio da promoção de um curso de português e interlocução com várias instâncias do governo, como Secretaria de Educação e Assistência Social para facilitar a inclusão dos haitianos no sistema educacional brasileiro. Abaixo, a foto do Secretário de Estado de Educação de Rondônia, Emerson Castro, o Secretário da Embaixada do Haiti, Pierre Rigaud e a Professora Marília Pimentel, da UNIR, para

²⁶ Entrevista concedida a Pedro Ivo de Moraes Alcântara, em 28/10/2012, na sede da Pastoral do Migrante, Porto Velho – RO.

^{27, 28} Depoimento veiculado no site Notícias da Fronteira, em reportagem intitulada “Prefeito recebe parlamentares para solucionar os problemas causados com a imigração dos haitianos”. Disponível em: <<http://noticiasdafronteira.com.br/2013/04/10/prefeito-recebe-parlamentares-para-solucionar-os-problemas-causados-com-a-imigracao-dos-haitianos/>>. Acesso em: 4 jun. 2013.

²⁹ Esta reunião de trabalho foi noticiada pelo Departamento de Comunicação do governo de Rondônia e pode ser consultado pelo seguinte endereço: <<http://www.comunicacao.ro.gov.br/noticias.asp?id=11398&tipo=Ultimas%20Noticias>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

³⁰ Foto retirada por Renata de Melo Rosa.

o estabelecimento de um acordo de reconhecimento de diplomas da educação básica haitiana em Rondônia:



Foto tirada por Renata de Melo Rosa em 11 de março de 2014

Ainda, vale a pena registrar neste artigo a foto do Secretário da Embaixada do Haiti, após reunião com a Reitora da UNIR, Professora Doutora Maria Berenice Alho da Costa Tourinho e a Professora Doutora Marília Pimentel, coordenadora do curso de extensão de português para haitianos, cujo objetivo foi a possibilidade de criação de um centro cultural haitiano vinculado à Universidade Federal de Rondônia:



Foto tirada por Renata de Melo Rosa em 10 de março de 2014

6 Considerações finais

A intensificação do fluxo de imigrantes haitianos para o Brasil teve como estopim o terremoto de 12 de janeiro de 2010. No entanto, o agravamento das condições de vida e de subsistência no país caribenho, sobretudo na região metropolitana da capital Porto Príncipe é de longa

data e possui vários motivos, como o desordenado êxodo rural haitiano a partir da década de 80, anos de desestabilização civil e política, falta de energia elétrica, acesso a justiça e a todos os serviços básicos de saúde. Estes foram fatores determinantes para o estabelecimento da rota migratória que teve, a partir de 2010, como um dos destinos final as fronteiras do Norte do Brasil, como a de Brasiléia e Tabatinga. A influência do desastre natural neste processo de vinda ao Brasil, no entanto, ficou expresso nos resultados da pesquisa de campo.

O terremoto - e a conseqüente crise humanitária gerada por este - também foi um evento crítico para que o governo brasileiro, principalmente o Comitê Nacional para os Refugiados e o Conselho Nacional de Imigração, definisse a linha de atuação em relação à chegada de tal fluxo migratório. Foi a grave situação social gerada pela catástrofe que determinou, por exemplo, a edição da Resolução Normativa 97 (conforme explica o parágrafo único do artigo 1º), que criou o visto permanente de caráter humanitário para atender à demanda gerada, especificamente, pelo fluxo migratório de haitianos para o Brasil.

Há que se reconhecer a chegada inesperada dos imigrantes haitianos às fronteiras terrestres brasileiras acabou se configurando como um desafio tanto humanitário, quanto político para as autoridades migratórias, para as prefeituras dos municípios de Brasiléia, Eptaciolândia e Tabatinga, para os governos dos estados do Acre, Amazonas e de Rondônia, da mesma forma, para o Governo Federal. Tal desafio teve um caráter humanitário devido à grave situação social e econômica do vivido pela população haitiana, conforme já mencionado, e, também, em conseqüência das condições em que se encontravam os imigrantes que aguardavam os vistos nas cidades fronteiriças.

O desafio político da chegada inesperada de tal contingente migratório colocou o governo brasileiro, devido à liderança militar no âmbito da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah) em uma posição desafiadora. A pergunta era como responder à tal demanda migratória sem contradizer o discurso oficial do governo brasileiro de solidariedade ao povo haitiano, e ao mesmo tempo não estimular o crescimento do fluxo de imigrantes.

A chegada dos haitianos expôs a fragilidade da política migratória brasileira. O que se viu, a partir do momento em que os haitianos chegaram às fronteiras

do Norte do País, foram os órgãos que implementam a política migratória brasileira, como o Conare, o Cnig e o Ministério das Relações Exteriores (MRE), agindo de forma reativa, com o objetivo de dar uma resposta à questão emergencial na fronteira. Apesar da decisão de beneficiar os haitianos com o visto humanitário permanente - o que permitiu a residência e o trabalho legal no Brasil -, pode-se dizer que ação foi pontual e não integrada às outras políticas públicas de acolhimento aos grupos que apresentam vulnerabilidade social.

Ressaltamos que a concessão do visto em si não é o suficiente para integrar os haitianos à sociedade brasileira. Mesmo que, estando ocupados no mercado de trabalho, tal grupo não é elegível para usufruir das prerrogativas e auxílios concedidos àqueles com status de refugiados e, salvo em casos pontuais, não têm acesso.

Tampouco, devido a fatores como relacionados às diferenças culturais e até mesmo a preconceitos de cunho racial, não detêm oportunidades equânimes em relação aos brasileiros. Assim, vivem uma situação de “cidadania regulada” (SANTOS, 1979) condicionado a uma ocupação no mercado de trabalho. A regulação desta cidadania por meio da ocupação é uma das poucas expressões dos direitos destes imigrantes e de alguma integração concreta com a sociedade brasileira. Nesse caso, caberia ao poder público, uma vez que foi decidida a permanência do contingente de migrantes haitianos, criar e estabelecer ações e políticas integradas para promover a integração desse grupo ao contexto nacional.

A migração haitiana para o Brasil mostra também um vazio jurídico, inclusive quando nos referimos aos instrumentos internacionais, para enquadrar processos de migração forçada diferente daqueles que se enquadram como refúgio. Tanto a normativa nacional, quanto as convenções e acordos firmados no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU), reconhecem a figura do refugiado a pessoas que temem “ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas”, conforme expressa o item c, do parágrafo 1º. do 1º. artigo da Convenção de 1951 Relativa aos Estatuto do Refugiado das Nações Unidas.

Dessa forma, as normativas não reconhecem o status de refugiado a outras categorias de migrantes forçados, como aqueles decorrentes de causas econômicas e pobreza e/ou por causas ambientais, fatores tais responsáveis por influenciar nas escolhas migratórias, inclusive

de/das interlocutores/as entrevistados/as para esta pesquisa.

Comparado com países como os Estados Unidos, Canadá e República Dominicana, o contingente de mais de 15 mil haitianos no Brasil é residual dentro do contexto total da diáspora, que chega a cerca de 2,5 milhões. O que temos agora é um processo migratório em curso, que inclui a formação de redes de cooperação que passam a facilitar novos processos migratórios de haitianos. Ainda é cedo para prever qual será a abrangência e a intensidade do fluxo migratório de haitianos para o Brasil. Entretanto, a partir do que se encontrou nesta pesquisa, não é arriscado dizer que o Brasil que, há poucos anos, não figurava entre as opções migratórias da diáspora haitiana, de fato, é uma nova rota que se abriu.

Referências

ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. Lisboa: Edições 70, 1991 [1983].

ANDREWS, George Reid. América afro-latina: 1800 – 2000. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

ARISTIDE, Jean Bertrand. Todo homem é um homem. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

BERNAND, Carmen. Mestizos, mulatos y ladinos en hispanoamérica: un enfoque antropológico de un proceso histórico. In: LEÓN-PORTILLA, Miguel (Coord.). Motivos de la antropología americanística: indagaciones en la diferencia. México: FCE, 2002.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Resenha da política exterior do Brasil. Brasília: MRE, 2010.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Base Estatística CENig. Ministério do Trabalho e Emprego, Setembro de 2013. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A419E9E3401426BEFDF562697/6%20-%20Autoriza%C3%A7%C3%B5es%20concedidas%20pelo%20Conselho%20Nacional%20de%20Imigra%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

CÂMARA, Irene Pessoa de Lima. Em nome da democracia: a OEA e a crise haitiana - 1991 -1994. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, Centro de Estudos Estratégicos, 1998.

CARVALHO, Amanda; ROSA, Renata de Melo. O Brasil e a não-indiferença à crise haitiana: solidariedade ou retórica do discurso. Univ. Rel. Int, Brasília, v. 9, n. 1, p. 487-509, jan./jun. 2011.

CARVALHO, Amanda. A Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti: um olhar a partir dos relatos de um ex-soldado e de um repórter brasileiro. *Univ. Rel. Int*, Brasília, v. 8, n. p. 245-258, jan./jun. 2010.

CASIMIR, Jean. Haiti: acuérdate de 1804. Cidade do México: Siglo XXI, 2007.

CASIMIR, Jean. Haiti e suas elites: o interminável diálogo de surdos. *Univ. Rel. Int*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 1-22, jul./dez. 2012.

CASIMIR, Jean. La cultura oprimida. Cidade do México: Nueva Imagen, 1981.

CAVALLARO, James L. Relatório Mantendo a Paz no Haiti?: uma avaliação da Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti usando o seu mandato como parâmetro de sucesso. *HARVARD Law Students advocates for Human Rights*, 2005.

CENTRO de Justiça Global. Rio de Janeiro: Março de 2005. Disponível em <<http://www.global.org.br/haitiportuguese.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2009.

CHAVES JUNIOR, Elizeu de Oliveira. Fragilidade do Estado e o fenômeno do refúgio no caso do Haiti. 2005. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados Sobre as Américas, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

CHAVES JUNIOR, Elizeu de Oliveira. Um olhar sobre o Haiti: refúgio e migração como parte da história. Brasília: LGE, 2008.

CONSELHO DE SEGURANÇA DAS NAÇÕES UNIDAS. Resolução 1529 (2004). Nova Iorque: 2004. Disponível em: <<http://www.un.org/News/Press/docs/2004/sc8015.doc.htm>>. Acesso em: 21 jan. 2014.

CONSELHO DE SEGURANÇA DAS NAÇÕES UNIDAS. Resolução 1542 (2004). Nova Iorque: 2004. Disponível em: <<http://www.un.org/News/Press/docs/2004/sc8015.doc.htm>>. Acesso em: 21 jan. 2014.

DEMO, Pedro. Conhecimento moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

DUBOIS, Laurent. Avengers of the new world: the history of the Haitian Revolution. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

DUBOIS, Laurent. Haiti: the aftershocks of history. Nova Iorque: Metropolitan Books, 2012.

FANON, Franz. Os condenados da terra. Juiz de Fora – MG: UFJF, 2010.

FERRO, Mônica; RIBEIRO, Manuel de Almeida. A Organização das Nações Unidas: as organizações internacionais, a Organização das Nações Unidas, os poderes das organizações internacionais, a avaliação da eficácia do sistema. 2. ed. Coimbra: Almedina, 2004.

GAUTHIER, Amélie; BONIN, Pierre. Haiti: voices of the actors: a research project on the UN mission. Madrid: Fundación para las Relaciones Internacionales y el Diálogo Exterior, 2008. Disponível em: <http://www.fride.org/descarga/WP52_Haiti_Voices_ENG_feb08.pdf>. Acesso em: 20 02 2014.

GAUTHIER, Amélie; MOITA, Madalena. Vulnerability and causes of fragility in Haiti. Madrid: Fundación para las Relaciones Internacionales y el Diálogo Exterior, 2010. Disponível em: <http://www.fride.org/download/IP_Haiti_final_ENG_Mar10.pdf>. Acesso em: 08 dez 2013.

GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.

GEERTZ, Clifford. The interpretation of cultures. Nova Iorque: Basic Books, 1973.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GROS, Jean-Germain. The political economy and sociology of decay and renewal. *Latin American Research Review*, v. 35, n. 3. p. 211-226, 2000.

HALL, Stuart (Org. SOVIK, Liv). Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HIRSCH JUNIOR, E. D. Validity in interpretation. New Heaven: Yale University Press, 1967.

JAMES, C. L. R. Os jacobinos negros: Toussaint L'Overture e a Revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo Editorial, [1938].

KEOHANE, Robert O.; NYE, Joseph S. Power and interdependence in the information age. Tampa – FL: Council on Foreigner Affairs, 1998. Disponível em: <<http://www.foreignaffairs.com/articles/54395/robert-o-keohane-and-joseph-s-nye-jr/power-and-interdependence-in-the-information-age>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina. Fundamentos da metodologia científica. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

- MIGRATION AND REMITTANCES DATA. *Banco Mundial*. Disponível em: <<http://econ.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/EXTDEC/EXTDECPROSPPECTS/0,,contentMDK:22759429~pagePK:64165401~piPK:64165026~theSitePK:476883,00.html>>. Acesso em: 11 jan. 2013.
- MIGRATION PROFILE INSTITUTE. Remittance prolicy: Haiti. Washington, 2011. Disponível em: <<http://www.migrationinformation.org/datahub/remittances/Haiti.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2014.
- MINTZ, Sidney; PRICE, Richard. O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica. Rio de Janeiro: Pallas; Universidade Candido Mendes, 2003.
- NURSE, Keith. Diáspora, migration and development in the Caribbean: focal policy paper. Ottawa: Canadian Foundation for the Americas, 2004.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2000.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Sobre o pensamento antropológico. Brasília: Tempo Brasileiro, 1988.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Carta das Nações Unidas. Junho, 1945. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D19841.htm>. Acesso em: 07 jan. 2014.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados. Julho, 1951. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/documentos/>>. Acesso em: 07 jan. 2014.
- PEREIRA, Augusto Heleno Ribeiro. Componente militar da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti. *Military Review*, Chicago, TOMO LXXXVII - janeiro-fevereiro 2007, número 1, pp. 2-13.
- PIMENTEL, Marília; COTINGUIBA, Geraldo Castro. Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho. *Revista Travessia*, São Paulo, v. 70, p. 99-106, 2012.
- PIMENTEL, Marília Lima; COTINGUIBA, Geraldo Castro. Relato sobre imigração na Amazônia ocidental brasileira: haitianos em Porto Velho. *Nossa América Hoy*. *Revista do Memorial da América Latina*, São Paulo, v. 3, p. 24-26, set. 2013.
- PRICE-MARS, Jean. Así habló el tío. Santo Domingo: Manatí, 2000.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. *Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales*. Caracas, v.10, n. 1, p. 75-97, enero/abril 2004.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. Empresas transnacionais: um grande projeto por dentro. São Paulo: Marco Zero; Anpocs, 1991.
- ROSA, Renata de Melo. Raça e colonialismo: o lugar da França na crise Política haitiana. *Mneme - Revista Virtual de Humanidade*, v. 4, n. 10, abr./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.seol.com.br/mneme>>. Acesso em: 21 dez 2013.
- RUPPENTHAL, Tailon. Um soldado brasileiro no Haiti. São Paulo: Globo, 2007.
- SANTOS, Wanderley Guilherme. Justiça e cidadania: a política social na ordem brasileira. Rio de Janeiro: Campos, 1979.
- SCARAMAL, Eliesse. Haiti: fenomenologia de uma barbárie. Goiânia: Cãnone, 2006.
- SCHILLER, Nina; FOURON, Georges Eugene. Georges woke up laughing: long-distance nationalism & the search for home. Durham; Londres: Duke University Press, 2001.
- SCHMIDT, Hans. The United States occupation of Haiti: 1915-1934. New Jersey: Rutgers University Press, 1995.
- SILIE, Rubén. La nueva inmigración haitiana. Flacso, 2003. Disponível em: <http://www.yorku.ca/cerlac/migration/Ruben_Silie.PDF>. Acesso em: 14 jan 2014.
- SIMÕES, Antonio José. Brasil e Haiti: parceria em busca de um futuro melhor. Seminário Brasil-Noruega sobre paz e Reconciliação. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.
- SMARTH, Rosny. Crise, movimento popular, intervenção estrangeira e a presença da América Latina e do Brasil no Haiti. *Univ. Rel. Int*, Brasília, v. 8, n. 1, p. 177-188, jan./jun. 2010.
- SMARTH, Rosny. Intervenções estrangeiras e a presença da América Latina e do Brasil no Haiti. *Univ. Rel. Int*, Brasília, v. 8, n. 1, p. 189-200, jan./jun. 2010.
- VELHO, Otávio. O que nos une: anuário antropológico 2009/II. Brasília: UnB, 2010.
- VERENHITACH, Gabriela Daou. A influência da liderança brasileira na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti. 2009. Disponível em: <http://www.educiens.org.br/download/artigo_gabriela27jan09.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2009.

WOODWARD, Susan. The paradox of State failure: states matter; take them seriously. Disponível em: <http://statesandsecurity.org/_pdfs/enjeuxintle.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2013.